

A ILLUSTRAÇÃO LUSO-BRAZILEIRA.



LISBOA: — Anno 4\$000 réis.

Numero pago á entrega. 5090

N.º 50 — VOL. III.

Sabbado 30 de Julho de 1859.

PROVINCIAS: — FRANCO — Anno 4\$300

Ultramar e estrangeiro (moeda forte) . . . 5\$000

Summario.

ARTIGOS: — Historia da actualidade — O principe de Galles — O barão d'Humboldt — A sentidissima morte de sua magestade a rainha a senhora D. Estephania, poesias — Alva Estrella, continuação — Miscellanea.
GRAVURAS — O principe de Galles — O barão d'Humboldt.

Historia da actualidade.

Continuam os suffragios por alma de sua magestade a rainha a senhora D. Estephania, mandados rezar pelas corporações, classes, e repartições publicas.

— Nos preliminares da paz entre os imperadores d'Austria e França, se comprometteram os dois monarchas a favorecerem a creação d'uma confederação italiana, e a induzirem os duques da Toscana e de Modena a darem uma amnistia geral quando voltarem para os seus estados. Pedir-se-hia tambem ao papa que admitta no seu governo as indispensaveis reformas.

— Ultimamente houve em Erzeroum um terremoto tão horrivel, que as victimas foram mil e cincoenta e quatro, entre as quaes se contam trezentos e cincoenta e quatro mortos, e o restante gravemente ferido. Desabaram duas mil casas, seis mesquitas, dezete mercados, cinco estabelecimentos de banhos, e tres edificios publicos, ficando além d'isso arruinados mil quatrocentos e cincoenta edificios.

— Na manhã de 26 do passado houve um grande incendio nas docas de Londres, onde estavam armazenadas as aguardentes e liquidos espirituosos. Havia vinte mil cascos d'aguardente que se não fossem promptos os soccorros seriam consumidos pelas chammas. Muita gente empregada em extinguir este incendio perdeu os sentidos pelo odor suffocante e fumo que exhalava o liquido inflammado; mas os medicos que foram chamados prestaram tanto a tempo os seus auxilios que só um homem morreu. O incendio limitou-se a tres arcos d'uma divisão da abobada, onde foi destruida a maior parte da aguardente, e a outra parte da abobada, onde arderam perto de cincoenta cascos.

— A infecção do Tamisa continua a inspirar serias inquietações em Londres, e o augmento que tem havido na mortalidade prova as suas influencias deletérias. Um relatório official mostra que semanalmente comparada a mortalidade actual com a media dos dez annos precedentes, ha um excedente

de mais de trezentos fallecimentos, e esta proporção vae crescendo de semana para semana.

— A Austria não licenciará os soldados lombardos antes da reunião de Zurich, onde deve ter lugar entre os dois imperadores a paz definitiva.

— Preparava-se grande illuminação em Milão para receber o rei da Sardenha.

— Falla-se na abdicção do grã-duque da Toscana, em favor de seu filho primogenito Fernando.

— Em Londres corria a noticia de que para desvanecer os receos da Inglaterra, o imperador Napoleão vae proximoamente fazer uma visita á rainha Victoria.

— O principio da presidencia da confederação italiana foi acceto pelo papa.

— Acha-se aberta na Lombardia uma subscrição para erigir um monumento de gratidão a Napoleão III. Parece que será uma estatuza equestre, e diz-se que a subscrição já monta a mais da somma votada para este monumento.

— A companhia do Gymnasio, que está representando no theatro do Porto, tem sido ahi mui applaudida, e o drama do senhor Cesar a *Probidade* agradou muitissimo.

— Tambem no theatro de Setubal se acha trabalhando a companhia da rua dos Condes, com muitos applausos; e ahi se demorará até Setembro.

— O vapor *Duque do Porto* encalhou nas alturas de Peniche, não se podendo salvar o casco, se bem que a carga, e os passageiros e tripulação, afora um individuo, foram salvos.

— Corria em Madrid a noticia de que o santo padre vae espontaneamente a Paris coroar Napoleão III imperador dos francezes. Esta noticia tem sido já muitas vezes de tempos em tempos reproduzida, e por isso carece de confirmação.

— N'uma grande revista que teve lugar em Heilbroun, em consequencia do grande calor adoceram mais de quatrocentos homens, e morreram mais de quarenta.

— O museu de Nuremberg, que se fundou ha sete annos, tem já vinte e oito mil volumes relativos á historia de Alemanha, mais de quinze mil cartas, diplomas, e outros manuscritos, sete mil medalhas, doze mil e quinhentos escudos e armas, mil e novecentas laminas, desenhos, e miniaturas, e cinco mil e setecentas gravuras.

— Quatro homens viram sair da serra de Egmueira, em Hespanha, uma monstruosa cobra, a qual perseguiram até lhe dar caça. Affirma-se que pesava tres arrobas e mais algumas libras.

— A nossa camara municipal cedeu á commuñão israelita uma porção de terreno em a nova rua da *Imprensa* que está abrindo á Guia, afim de se estabelecer ahi uma synagoga, satisfazendo-se contudo ao ordenado na lei fundamental, que não permite signaes externos de templo. Abriram os judeus para este fim uma subscrição, que já monta a quarenta e tantos contos, e mandaram commissarios ao estrangeiro a estudar a forma e architectura das mais afamadas synagogas. No mesmo edificio estabelecerão escolas para as creanças de um e outro sexo do seu rito.

— Tambem agora vae a effeito a conclusão da nova freguezia de S. Jose no templo principiado a construir no largo da Annuciada. Existe já em caixa, sendo thesoureiro o visconde da Horta, uma forte somma arrecadada por subscrição em que influíram o dito visconde e o senhor José Isidoro Guedes. Ambos promettem promptificar as sommas necessarias alem do producto da subscrição.

— O exercito da Italia deverá achar-se reunido no dia 15 do corrente nas immedições de Paris, para n'esse dia dar a sua entrada triumphal na dita capital, com o imperador á frente.

— Diz-se tambem que Napoleão projecta, em companhia da imperatriz, fazer no mez de Setembro uma visita ao imperador da Austria, vindo depois por Veneza, Milão, e Turim, embarcando em Genova para regressar a Paris.

— Annuncia-se breve mudança ministerial e politica em Roma, no sentido liberal.

— Em Napoles não se tornou a restabelecer a tranquillidade desde o movimento insurreccional dos suizos.

— Tambem escorevem de Londres que no proximo mez de Setembro é esperada n'aquella capital o grã-duque Constantino da Russia.

— Diz-se que uma das coisas que motivaram o imperador d'Austria a fazer a paz foi o estado de inquietação da Hungria pelo systema de centralisação absoluta, introduzido desde 1856 em todas as partes do imperio austriaco.

— O *Monitor* francez publicou uma extensa nota relativa aos grandes armamentos da Inglaterra. Segundo esta nota não é motivada a allegação dos inglezes, de que os seus armamentos são causados pelos da França, pois que aquellos excedem muito os d'esta; e assim o governo francez é de opinião de que se devem attribuir a outros motivos.

— Affirma-se que o conde de Cavour tornará ao poder antes do fim do anno, porque o actual mi-

nisterio sardo sómente se deve reputar como um governo de transição.

— A situação dos ducados, e da Romania é assustadora, porque o povo insiste em se aggregar ao Piemonte.

— Diz a *Independencia belga* que o imperador d'Austria, como demonstração de piedosa deferencia para com o imperador Napoleão, decidiu entregar-lhe os restos mortaes do moço duque de Reichstadt, filho de Napoleão I, e que em breve devem chegar a Paris.

— Em cinco semanas tem-se dado grande impulso ao armamento do *Great-Eastern*, o grande vapor que o governo inglez comprou á companhia que o principiou. Espera-se que dentro em um mez possa atravessar o Atlantico. Já estão postos os tres mastros de madeira, e dos outros tres de ferro já um foi collocado no seu logar. O seu peso acima da coberta é de quarenta toneladas. Os departamentos do navio são impermeaveis, e tanto que sendo um cheio com seis pipas d'agua, conservou-se assim muitos dias, sem que uma só gota d'agua filtrasse através das partes adjacentes. O navio é da força de doze mil cavallos. As caldeiras conterão mais de quinhentas pipas d'agua. A tripulação ha-de constar de quarenta e dois officiaes de todas as categorias, e trezentos e cincoenta homens. A parte do navio reservada aos viajantes de primeira classe, comprehenderá, para a primeira cathedra, oitocentos leitos e sophas. Terá quatrocentos leitos para os viajantes de segunda categoria, e pouco mais ou menos o mesmo numero para os de terceira. A primeira viagem será para Portland, nos Estados-Unidos, e annuncia-se para o mez seguinte.

— Dos portos de Portugal emigraram para o Brazil, durante o anno de 1838, quatro mil oitocentos e trinta e oito individuos. Não é possível apresentar o numero dos que se subtrahiram ao registro policial.

— Na batalha de Solferino foi ferido n'uma perna, e feito prisioneiro o principe hereditario de Ysemburgo-Budingen.

O principe de Galles.

Tendo presenciado as sympathias que entre os portuguezes grangeou o principe de Galles, herdeiro da coroa da Grã-Bretanha, com a qual o destino nos estreita cada vez mais os laços d'amizade, traçaremos a biographia do principe, acompanhando-a do seu retrato.

Como introdução, explicaremos em breves palavras d'onde provém o titulo de principe de Galles, dado ao filho mais velho do monarcha britanico.

Quando as aguias romanas corriam o espaço, tentaram poisar, depois de renhidas lutas, na Bretanha, (corrupção de *Britanac* o paiz do chumbo e estanho). Era difficil subjugar uma parte dos aborigenes, porque, tendo estes nascido livres, havia a impossibilidade de se tornarem escravos na decrepitude. Exhaustas, porém, as forças nas continuas pelejas, procuraram mais seguro asylo, refugiando-se nos districtos montanhosos, taes como Cornwall, Galles, e aquella parte da Gallia a que hoje se chama Bretanha. Ahi adoptaram, e conservaram como dever religioso os costumes ferozes, e a vida selvagem de seus antepassados. Exercitaram as artes, e as sciencias que os vencedores trabalhavam por propagar entre os vencidos. Observavam uma lei — a da força, em que o forte regia o fraco.

Acoitados nos pincaes inacessiveis, e peritos nos seus trilhos, esperavam, como a ave de rapina, o momento favoravel para, como veloz torrente, devastarem as povoações e assolarem os arredores. Ao canto dos seus bardos redobrava-lhes o furor: pallidos de cansaço, com os rostos ensanguentados, allumiados pelo incendio, pareciam os demonios da destruição que se rião com riso infernal, e se embriagavam com o cheiro da carnificina. Avistando força armada, retiravam-se aos despenhadeiros, e malaventurado o temerario que ousasse polluir o santuario das selvas com a sua presença. Filhos da mesma raça, odiavam-se em extremo, uns puros indigenas, outros mixto de bretões, romanos e das raças posteriores. Sem trocarem os seus productos naturaes, os primeiros subsistiam do que a fecunda

natureza lhes offerencia. Barbaros, quando se encontravam na peleja, diligenciavam abater-se reciprocamente.

Tal era o estado em que o paiz estivera no decorrer de quasi tres seculos: até que Eduardo I, cansado das continuas queixas dos povos, e estando em paz com os paizes estrangeiros, resolveu-se a exterminar a causa de taes queixas. Juntando grosso exercito marchou, nos fins d'Abril, para Chester, e tendo tomado, a 11 de Dezembro, a posição de Conway nas faldas do Snowdon, offereceu batalha campal aos habitantes de Galles. Foi terrivel o combate, até que o principe Llewelin ap Gryflith pereceu. Com a morte do general espalhou-se o terror entre os soldados: as fileiras, indecisas, começaram afinal a retrogradar: David, irmão do principe, foi aprisionado. Eduardo, depois da victoria, mandou decapitar e esquarterar David, assim como o corpo do irmão, enviando as cabeças para a torre de Londres, e mandando expor os membros nos pelourinhos das varias cidades do reino, mostrando assim a seu povo, em terrivel exemplo, como castigava traidores, e violadores das treguas que com elles fizera no começo do seu reinado. Depois perseguiu e mandou matar os bardos como influentes no espirito do povo. E' dolorosa a narração, que um poeta moderno faz dos martyrios que os bardos inermes soffreram.

Eduardo era indisputavelmente o soberano de Galles, visto Gryflith e David terem morrido sem successão. Mas o monarcha, que não se atrevia a proclamar-se rei, procurou por meio da astucia socegar os espiritos populares. Convocou uma assemblea dos nobres, e tendo elles prestado juramento, propoz-lhe o rei que lhes daria um principe de sangue real, que não fallasse uma palavra em inglez. Desejosos de verem estabelecida uma dynastia, concordaram com satisfação na politica d'Eduardo. Cumpriu-se á risca a palavra d'este, e a rainha Eleanor, que fôra apressadamente conduzida para Canarvon, em pouco tempo deu á luz um filho, que, n'aquella idade, ignorava tanto a lingua ingleza como a celtica.

As penas de abestruz notam-se no seu escudo pelo seguinte facto. Na batalha de Cressy em 1346, o rei da Bohemia, achando-se n'ella involuntariamente, foi morto pela propria mão de Eduardo, cognominado o principe preto, o qual, ufano da gloria, arrancou do capacete do bohemio a penna de abestruz, collocando-a depois no seu escudo, e adoptando a divisa do morto que era *Ich dien*, — eu sirvo.

Ao titulo de principe de Galles, reúne o actual primogenito de sua magestade britanica o de coronel de um regimento, e é condecorado com a ordem da Jarreteira.

Sua alteza nasceu a 9 de Novembro de 1844. E' digna de louvor a educação que recebeu. Sua mãe aponta-lhe o exemplo da justiça, e a sua intelligencia promette um futuro brilhante ao seu povo.

O principe Arthur tem visitado parte da Europa, inclusive Roma, onde s'entretiveo largo tempo com sua santidade. Depois a 5 de Junho do corrente anno chegou a Lisboa, sendo acolhido com amor e carinho pelos portuguezes, e por seus subditos com respeito e amizade.

Uma deputação ingleza que teve a honra de lhe dirigir a seguinte falla, foi recebida por sua alteza com toda a affabilidade.

A SUA ALTEZA REAL O PRINCEPE DE GALLES.

Cavalleiro da Jarreteira, etc. etc. etc.

Com a devida permissão de vossa alteza.

«Os abaixo assignados, subditos leaes, e obdientes a suas magestades, o consul, vice-consul, negociantes e mais cidadãos britannicos residentes em Lisboa, saudamos com extrema alegria a auspiciosa visita de vossa alteza real á capital d'este reino, o mais antigo e mais fiel alliado da Inglaterra, e pedimos licença para assegurar a vossa alteza real que em nossa dedicação e amor á pessoa e familia de vossa alteza real nos não excedem aquelles que vivem debaixo da immediata protecção de sua magestade, nossa amada rainha, e augusta mãe de vossa alteza real por cujas felicidades temporaes e espirituaes, bem

como do principe consorte, pelas de vossa alteza e de toda a real familia, serão sempre as nossas orações, conforme é nosso dever, sinceramente elevadas ao throno da Graça.»

Sua alteza real dignou-se responder:

Senhores.

«Agradeço mui sinceramente a lisonjeira e cordeal felicitação que me dirigis por occasião da minha chegada, e os testemunhos que me daes da leal adhesão á rainha e á familia real. Foi com grande satisfação que pude aproveitar-me do benevolo convite d'el-rei meu primo, para visitar este paiz, que portantos titulos merece o nosso interesse e attenção.»

Sua alteza real partiu levando gratas recordações de Portugal, porque foi sensível ao acolhimento que aqui recebeu. Veiu firmar os pactos d'amizade sellados entre as duas nações, pactos que não deixarão d'existir porque vae n'elles o interesse de ambos os paizes.

F. E. PAYANT.

O barão Alexandre d'Humboldt.

N'este tempo, em que á maior parte da gente tudo enoja e aborrece, menos romances que causem emoções fortes, satyras com mais fel do que sal, que em vez de saborearem a critica ferem os espiritos, e longos artigos politicos sobre questões microscopicas em que figuram homens não d'estado mas de partido, postos nas nuvens pela intriga, ou pela moda, ou pela turba, e que só tem tido arte de accordar vozes discordes e de crear situações impossiveis, só a curiosidade filha da occasião pode, talvez, fazer aceita do commum dos meus leitores esta necrologia de uma celebridade septentrional, melhor direi europea, á qual as sombras da morte vem de eclipsar os olhos quando tantos homens acabam a carreira antes de chegar á meta, e outros, que correram felizmente o pareo, sobreviveram com desar á sua fama. *Nós vivemos entre ruinas* (dizia-me Châteaubriand em fins de 1830), e a *grandeza intellectual é a unica que ficou em pé entre tantas grandezas caidas*. Assim foi e assim é na verdade; mas, quantas d'essas intelligencias luminosas, começando por aquelle precursor do renascimento das letras em França, e acabando pelo grão geologo, physico, e naturalista de quem vou fallar, e ao qual o mundo scientifico deu a qualificação de *Aristoteles moderno*, tem de então a cá desaparecido da scena do mundo?

Ainda não ha muitos mezes que um moço de esperanças, a quem no anno passado dei uma carta de introdução para A. d'Humboldt, voltando de Berlim a Lisboa, me trouxe em troca o retrato photographico cuja copia vae, em frente d'este artigo, apparecer na *Illustração Lusobrazileira*, e que, penhorando-me muito, me entristeceu pela bem visivel caducidade do semblante d'aquelle Nestor da sciencia, que, quando pela ultima vez o vi no começo de Junho de 1839, respirava a mais perfeita saude do corpo e do espirito. E' avista d'esta saudosa imagem de um collega diplomatico e academico de tanto vulto, e a quem devi amizade, que eu faço este rascunho, confiando que aquellê nome estrondoso, que por si mesmo levanta a penna do historiador, não deixará cair da minha memoria as feições da sua physionomia moral, e algumas não menos interessantes particularidades, além das geralmente sabidas da sua longa e actiosa vida.

Nasceu A. d'Humboldt em Berlim a 14 de Setembro de 1769, quando o não em tudo grande Frederico, premeditando n'um intervalo da guerra novas conquistas sobre as que fizera á Austria na pia lê de que o seu successor as não largaria (*), projec-

(*) Contou-me A. d'Humboldt, mostrando-me, em presença do actual rei de Prussia, no historico palacio de Sans-Souci, onde o que lhe poz este nome trago muitas amarguras, a mesa sobre a qual o mesmo Frederico II escreveria, que, sendo elle um dia estorvado n'este trabalho pelo seu mais moço sobrinho (depois Frederico III) que se divertia com o jogo da pélla, lh'a tirara da mão; e que, exigindo o moço principe com impeto a restituição d'aquella peça, o velho rei lh'a dera, dizendo-lhe: *esse teu afincão faz-me crer que não cedrás a*

tava a criminosa partilha da infeliz Polónia entre as tres grandes potencias do norte; coincidindo tambem o nascimento do mais sabio navegante moderno e cultor das musas no anniversario das mortes do divino Dante e do nosso perfeito D. João II, em cujo brilhante reinado a descoberta de Congo por Diogo d'Azambuja, e a chegada de Bartholomeu Dias ao cabo depois chamado da Boa Esperança, foram felizes preludios das nossas grandes navegações e conquistas. Teve A. d'Humboldt, por seu primeiro mestre nos estudos secundarios, Kunth, homem de genio, o qual, aproveitando os grandes talentos que n'elle achou para as sciencias e letras, o poz em relações com varias pessoas eminentes d'aquelle tempo. Nos annos de 1787 e 1788, cursou algumas aulas da universidade de Francfort-sobre-o-Oder, d'onde voltou a Berlim para ali estudar a lingua grega e technologia. Em 1789 frequentou, em companhia de seu irmão o barão Guilherme de Humboldt, mui conhecido pela originalidade das suas idéas, pela sua fiel traducção de Pindaro, e pelos seus grandes conhecimentos e prestantes serviços políticos, a universidade de Goettingen, onde foi discipulo de Heyne, Blumenbach, Beckmann e Link; compoendo n'esse tempo uma Memoria sobre o modo de tecedura usado pelos gregos, obra que foi o seu ensaio litterario, e até hoje inédita. Tendo depois, e por varias vezes percorrido Hartz, (serania d'altos rochedos na Prussia), e as margens do Rheno conjuntamente com Geuns, publicou em 1790 uma Noticia dos Basaltos rhenanos; fazendo, na primavera d'esse anno, com João Reinaldo Forster, seu compatriota, companheiro de Cook, e historiador da sua segunda circumnavegação do globo, a sua primeira viagem scientifica pela Belgica, Hollanda, Inglaterra e França, e demorando-se cinco mezes do mesmo anno em Hambourg para, na mui bem reputada escola de Busch e Ebeling, se aperfeiçoar no conhecimento das linguas vivas estrangeiras.

Cursando, no anno de 1791, em Freyberg, as lições de mineralogia e botanica explicadas pelo eximio Werner, explorou A. d'Humboldt n'este campo a vegetação das cavernas dos contornos d'esta cidade, d'onde tirou achegas para a obra que em 1793 publicou em Berlim sob o titulo de Specimen ou amostra da Flora subterranea de Freyberg; escrevendo tambem então para a Gazeta dos Mineiros alguns artigos que divulgaram na Alemanha as descobertas que o celebre Lavoisier, que bem como a sciencia foi victima da sempre parva e ignara demagogia (*), e Berthollet primeiro theorico chimico dos nossos dias acabavam de fazer em França.

Voltando A. d'Humboldt, em 1792, a Berlim, foi

Silvia. Não se enganou elle de todo com este segundo herdeiro da coroa, que só cedeu ás forças irresistíveis de Napoleão; mas quanto não ficou desmentido o valor do rei-poeta no seu immediato successor? Todos sabem a triste figura que Frederico Guilherme II fez na guerra contra a França, que afinal se apousoa da Prussia no curto espaço de tres semanas; mas, o que hoje em dia provavelmente ignoram muitas pessoas, é que este rei frivolo e versátil, sendo iniciado nos mysterios dos por antiphase chamados *illuminados* (entre os quaes Weishaupt, sem fé, cria em feitiços; Bischofwerder que com uma panacea promettia curar tudo; Cagliostro, que dizia ter achado a pedra philosophal e evocar as sombras dos mortos, e Haugwitz que embauo o sincero physionomista suizo Lavater pela parecença da sua cabeça com a de um antigo Crucifixo) este rei, digo, chegou ao ponto de prestar-se a fazer, por ordem do chefe d'aquella seita, o burlesco papel de officiante nas nupcias do seu jardineiro e confrade, como em Munich me contou outro já então constricto, e que fôra testemunha ocular d'esta bobagem. Nessa era de affectação e delirio em que a raça charlatã dos philosophistas preparava um cataclismo, andavam os reis com as coroadas caídas sobre os olhos, como Mallet-du-Pan, no seu *Correio da Europa*, lhes dizia.

(*) Este homem que, sendo um dos mais inoffensivos, e passado por um dos melhores chimicos modernos, foi condemnado á morte pelo tribunal revolucionario, pediu aos seus juizes que differissem a execução da sentença por alguns dias para que elle podesse terminar algumas experiencias uteis, acrescentando que depois d'isso faria de bom grado á patria o sacrificio da sua vida: ao que o tigre que presidia áquella junta respondeu negativamente, dando por motivo d'esta recusa não ter a republica precisão de chimicos. Que dirão a isto os progressistas louvaminheiros da revolução que matou tanta e tão boa gente em nome dos *direitos do homem*.

sucessivamente nomeado vogal do conselho das minas, e director geral das do principado d'Anspach e Bayreuth na Franconia, cargo que serviu seis annos, e lhe deu azo a crear, entre outros estabelecimentos uteis, a escola de Steben. Em 1793, acompanhou o distincto estadista principe d'Hardenberg nas duas importantes commissões politicas que então exerceu em Francfort-sobre-o-Mein e nos Paizes Baixos. Em 1795, viajou com Freisleben na Suisa e Italia; e, sendo, depois de regressar á Prussia, feito deputado da junta do commercio e industria, collaborou n'esse mesmo tempo com Schiller na redacção da folha periodica *As Horas*, em que se tratava especialmente de objectos physiologicos. Fortemente impressionado pela morte de sua mãe, e deixando por isso a carreira publica em 1796, deuse então exclusivamente aos seus estudos favoritos, e, reconcentrado n'elles, tornou, como elle depois me dizia, a viver na intimidade da natureza. Foi n'esse recolhimento do espirito, e quando o falso patriota e sombrio utopista Siyees, mostrando o fel que tinha no coração, tentava publica e ostentadamente em França, regida por um quinquevirato corrupto, galvanisar, por meio de proscriptões, uma sociedade morta, que o vero e liberrimo philosopho cuja curiosa biographia traço, possuido do amor sagrado da sciencia e da humanidade, verificava no seu proprio corpo, por effeito de experiencias mui dolorosas, a exactidão das que, sem estes soffrimentos, Galvani, celebre professor de physica da universidade de Bolonha, fizera quatro annos antes sobre a acção da electricidade nas substancias animaes por meio do apparelho, por elle inventado, que n'ellas imprime movimentos convulsivos: resultando d'aquellas arduas tentativas o Tratado da irritação dos nervos e da fibra muscular, que o illustre physico prussiano compoz, e, conjuntamente com algumas observações do seu sabio mestre Blumenbach, imprimiu no anno de 1797, em Lena, onde emprehendeu outros trabalhos, e, sob a direcção de Loder, se applicou ao estudo da anatomia.

O desejo ardente de augmentar os seus conhecimentos nas sciencias de observação e nas de imaginação, e a lembrança da viva impressão que no verdor da mocidade tinham feito em seu animo atreito á poesia a Descripção pittoresca das illas do mar do sul, por Jorge Forster, os bellos Quadros das margens do Ganges, por Hodges, e o aspecto de um *Dracana* colossal no jardim botanico de Berlim, impelleram A. d'Humboldt, para cujas indagações philosophicas e ricas concepções o continente em que nascera offerencia pequeno campo, a ir buscar nas remotas regiões tropicas outros ceos, outras terras, outros mares, e outros climas, onde fartasse a vista nos formosos paisagens variados de montes, valles, rochedos e picos, bosques e campinas dilatadissimas, que n'aquellas paragens traçou primorosamente com sabio pincel a engenhosa e destra mão do Autor da Natureza: podendo aquelle indefesso operario scientifico tratar somente no anno de 1798, após uma excursão que fez nos Alpes Rhocios que atravessam o Tyrol, de pôr em effeito aquelle antigo projecto.

Indo então para este fim a Paris, onde contava encontrar-se com lord Bristol (cuja prisão em Milão ignorava) o qual o convidara a acompanhá-lo ao Alto-Egypto, para onde já tinha partido a famosa expedição capitaneada por Bonaparte, achou A. d'Humboldt, no meio d'estas contrariedades, o mais benigno acolhimento em Laplace, Berthollet, e outras pessoas notaveis d'aquella capital que conseguiram que o directorio lhe facultasse acompanhar o capitão Baudin na viagem que este, em breve, devia fazer á America Meridional, plano que não pôde realisar-se por causa da renovação da guerra de França com Austria; baldando-se bem assim a offerta que igualmente foi feita ao mesmo sabio naturalista de se lhe dar passagem n'uma fragata succa que se esperava que partisse (mas que por circumstancias supervenientes não pôde opportunamente sair) do porto de França, onde estava surta, para Tunis, d'onde elle poderia ir juntar-se á predita expedição, e passar da Africa á Arabia, e d'ali pelo Golpho persico á Asia ingleza.

Não desistindo, apesar de todos estes obstaculos, A. d'Humboldt da execução do seu proposito, tentou pela quarta vez a sorte, passando no inverno de 1798 a 1799, com boa copia de instrumentos de physica e astronomia, a Madrid, onde foi mui bem rece-

bido por Carlos IV, e por todos os ministros, obtendo a permissão de visitar as possessões ultramarinas de Hespanha. Prevenindo elle para logo d'isto a Aínee Bompland, com quem se ligara em Paris, e vindo este immediatamente ter com elle á Corunha, ahi embarcaram na fragata *Pizarro*, com destino para a America do Sul, em 5 de Junho de 1799, dia em que fazia dezesseis annos que o tambem aventureiro physico Montgolfier fizera a primeira experiencia dos seus globos ou balões aerostaticos em Annonay; sendo não menos de notar que, depois de tantas esperanças frustradas, fosse d'esta península, d'onde no seculo XV saíram os mais celebres navegantes á descoberta de novas terras, que trezentos e cinco annos depois o maior physico e naturalista dos tempos modernos se pozesse em via para fazer explorações não menos importantes ao progresso das luzes e da civilisação do que os achados e as conquistas dos ousados argonautas que o antecederam.

No dia 16 de Julho de 1799, em que noventa e dois annos antes outros contemploreiros da natureza observaram um grande phenomeno na cordilheira de rochedos da ilha que pouco antes se formara no golpho de Santovino, arribaram os dois navegantes, depois de tocarem nas Canárias, e examinarem o Pico de Teneriffe, a Cumana, mui bello e commerciavel porto da montuosa e fertilissima Columbia, na qual observaram as correntes do extenso Orenoque e do Apuro; indo em 1800 á ilha de Cuba, onde A. d'Humboldt determinou, nos tres mezes que lá passou, a longitude da Havana, e industriou os plantadores de canas de assucar na construção de fornos para a preparação d'este sal vegetal.

Voltando ao continente, examinou o grande rio das Amazonas, bem como as vastas planicies, e os elevados montes do sul. Tencionando em Março de 1801, ir encontrar-se com o capitão Baudin, mas não permitindo a intemperie que elle effictuasse este intento, foi, por aproveitar o ensejo, ver a soberba collecção do celebre naturalista americano-inglez Mutis. Em Setembro do mesmo anno, partiu A. d'Humboldt, com o seu inseparavel companheiro Bompland, para Quito, na provincia da Nova Granada, onde chegou em Janeiro de 1802, e descansou das suas fadigas no remanso de uma hospitalidade que, entre outros gosos, lhe grangeou o de estar sempre cercado de mais bellas produções da natureza. Foi d'este, como elle dizia, *paraíso terreal* que o amor da sciencia que n'elle predominava o arrebatou para, com o seu camarada e o moço marquez de Selva Alegre que os não largara desde que chegaram a Quito, ir, ao través das ruínas de Riobamba e d'outros logares destruidos pelo terremoto de 7 de Fevereiro de 1797, e pôdo os ultimos esforços para vencer difficuldades que pareciam insuperaveis, reconhecer os vulcões de *Tungurahua*, e o *Nevalo del Chimborazo*, onde chegaram a 13 de Junho do predito anno de 1802 (dia em que nove seculos antes um rei de França tido por astronomo morreu de medo de uma eclipse), e collocaram os seus instrumentos á borda de um rochedo de porfido que se sobreleva á immensa area coberta de impenetravel neve. Uma fenda de quinhentos pés de largura impediu a continuação das observações e experiencias. Na altura em que os viajantes se achavam já a densidade do ar estava reduzida a metade; o frio era excessivo; custava-lhes a respirar; e quando, sobre as nuvens e quanto pode ser de cima da terra, chegaram ao ponto mais elevado a que jámais subiu um mortal, dominando (por me servir da expressão pittoresca de um espirituoso astronomo) a atmosfera grosseira em que vivem os outros homens, arrebentava-lhes o sangue dos olhos, dos beiços, e das gengivas. A elevação em que elles estavam, excedendo em tres mil e quinhentos pés a que Condamine subiu em 1743, era de dezoven mil e quinhentos pés acima do nivel do mar. Foi d'esta altissima estação que estes intrepidos da morte acharam, por meio de uma operação trigonometrica, que o cimo do *Chimborazo* tinha ainda mais dois mil cento e quarenta pés d'altura que o ponto onde elles operavam.

Terminada esta bella e arriscada empresa, dirigiu-se A. d'Humboldt com o laborioso Bompland a Lima, capital do Peru, onde se demoraram alguns mezes, maravilhados da intelligencia e actividade dos habitantes: observando do porto de Callão a immersão de Mercurio no disco do sol. D'esta pro-



O PRINCIPE DE GALLES.



BARÃO ALEXANDRE D'HUMBOLDT.

vincia passaram á da Nova-Hespanha, onde se demoraram um anno, voltando d'ella ao Mexico em Abril de 1803. Foi na capital d'esta ultima provincia que elles acharam o tronco da famosa *Cheistostemon platanoides*, unica arvore d'esta especie que existe n'aquellas paragens, e que, datando de tempos antiquissimos, tem nove varas de periferia.

Concluindo A. d'Humboldt aquellos seus trabalhos com varias excursões que ali fez nos mezes de Janeiro e Fevereiro de 1804, embarcou depois para a Havana, d'onde em Julho seguiu viagem para Philadelphia; e depois de algum tempo de demora nos Estados-Unidos, atravessou novamente o Atlantico; e ao cabo de seis annos de peregrinação marcados por observações summamente satisfatorias e utilissimas, porém cheios de fadigas e de toda a sorte de inquietações e perigos, apertou felizmente a Borda deaux a 3 d'Agosto de 1804, dia em que trezentos e doze annos antes Christovão Colombo partira de Palos, na costa de Murcia, para o descobrimento do continente americano. Cansa o narrador em seguir com a mente e com a penna o infatigavel esquadrihador da terra no seu immenso gyro nas diferentes partes do Novo-Mundo, onde, pelas mais exactas observações corrigiu e aperfeioou as descrições geographicas d'aquella parte do globo; descobrindo um meio mui engenhoso e preferivel aos até ali conhecidos para de um golpe presentar todos os resultados das suas investigações topographicas e mineralogicas: dando os perfis das secções verticaes dos paizes que viu; enriquecendo a historia natural com muitas e magnificas descobertas; constando o herbario que elle trouxe do Mexico, e que é o mais copioso que d'ali tem vindo, de seis mil e trezentas especies de plantas; e abrangendo os seus estudos todos os ramos das sciencias physicas e politicas, illustradas com novas luzes e interessantes factos. Estes materiaes preciosos para a historia, que elles tanto aclaram, da nossa especie, estendendo, como mui bem disse um nosso distincto escriptor, os limites da geographia mathematica, e augmentando com uma infinidade de objectos ignotos os thesouros da botanica, da zoologia, e da mineralogia, produziram as seguintes obras, que, por accordo dos dois autores Humboldt, em algumas d'ellas ajudado de Gay-Lussac, e Bonpland, trazem os nomes de ambos, indicando-se na prefacção de cada uma o nome da pessoa a quem era especialmente devida: — Viagens nas regiões equinoaciaes do Novo-Continente (relação historica), em tres volumes: Vista das cordilheiras e monumentos dos povos indigenas da America, dois volumes: Collecção de observações de zoologia e anatomia comparadas, dois volumes: Ensaio politico sobre a Nova Hespanha, dois volumes: Collecção de observações astronomicas, operações trigonometricas, e medidas barometricas, dois volumes: Ensaio politico sobre a ilha de Cuba, dois volumes: Ensaio sobre a geographia das plantas: Atlas geographico e physico: Monographia das Melastomas: Monographia das Rhexias: Monographia das Mimosas: Distribuição das Gramineas, dois volumes: Novos generos e novas especies de plantas, sete volumes: Plantas equinoaciaes colligidas no Mexico, dois volumes: Carta geographica do Orenoque. Além d'estas muitas e mui valiosas produções, cuja publicação se concluiu em 1827, saíram, no mesmo decurso de annos em que ellas appareceram, da fecunda penna de A. d'Humboldt uma quantidade d'artigos summamente interessantes inseridos nas Memorias da sociedade d'Arcueil, e nos Annaes de physica e chimica; saindo tambem então á luz duas outras excellentes composições do mesmo autor, a saber: os Quadros da natureza, que elle, debaixo do titulo de *Ansichten der Natur* compoz na sua lingua, e fez imprimir em Tubingen em 1808, obra á sua vista traduzida, em francez, por Eyries, e impressa n'aquelle mesmo anno; e o Ensaio sobre o jazigo das rochas nos dois hemispherios, publicado em 1822. Apezar d'estes multiplicados e immensos trabalhos, teve o profuso escriptor lazer de, n'aquelle mesmo periodo, fazer diversas viagens na Europa, indo, em 1803, só com fins scientificos, e na companhia de Jay-Lussac e Leopoldo de Busch, a Italia; acompanhando Frederico III rei de Prussia, em 1814, a Londres, onde, no mesmo anno, voltou com o barão Guilherme d'Humboldt, seu irmão, que ali foi revestido do caracter de embaixador extraordinario; seguindo bem assim o seu soberano e

amigo, em 1818, ao congresso d'Aix-la-Chapelle, onde muito contribuiu para o bom arranjo dos negocios da Prussia com França, e, em 1822, a Napoles, onde completou as observações que, em 1805, começara a fazer no Vesuvio.

Voltando A. d'Humboldt, em 1827, a Berlim, onde o amor da patria, as vivas instancias do seu rei (de quem elle todavia, em 1810, não aceitara o cargo de ministro dos negocios estrangeiros), e as rogativas da sua familia e dos seus numerosos amigos, o chamavam, expoz elle ali, n'um curso publico que abriu em 1828, as materias que mais tarde desinvolveu no Cosmos, obra prima de que depois fallarei mais d'espaco; emprehendendo em 1829, por convite e a expensas do imperador Nicolau, que tres annos antes subira ao throno da Russia, uma viagem á Asia Central. Contando já então sessenta annos d'idade, e tendo decorrido vinte e cinco depois que viajara nas partes menos conhecidas da America, caminhava, durante nove mezes aquelle Nestor dos physicos e naturalistas modernos, acompanhado d'Ehrenberg e Gustavo Rose, 2300 milhas geographicas, entre São Petersbourg, as fronteiras da China, e o mar Caspio, supportando os frios do Books gelado com a mesma afoiteza com que outr'ora soffrera a linha ardente, e expoz-se a riscos que outros em idade florente, e sem estarem á sombra gloriosa de tantos louros decerto não correriam; sendo resultados d'esta nova e ultima viagem d'exploração, além dos bens que d'ella redundaram em prol do conhecimento do magnetismo terrestre, a Asia Central, estudos das cordilheiras e da climatogia comparada, em 3 vol., publicada em Paris, de 1843 a 1848, e o Mappa das cordilheiras e dos vulcões da Asia Central, trabalhos em que o consciencioso autor corrigiu immensos erros que, entre os geographos, passaram muito tempo por verdades. Não foi, porém, sómente como physico e naturalista, senão tambem como philosopho moral e estadista que elle foi encarregado de fazer e emprehendeu aquella viagem. Ha muito que a gigantesca Russia, sob côr do parentesco civil e religioso que tem com os gregos, mas com o verdadeiro fim de ser colossal, procura diligentemente informar-se do estado d'aquelles seus correligionos que habitam a Turquia da Europa e da Asia, onde a vitalidade, ou, como com um termo mais frisante disse outro viajor, a tenacidade hellenica é muito maior do que communmente se diz; dando todos os bons observadores que ali tem ido ha trinta annos a esta parte por certo que um grande numero de pessoas domiciliadas n'aquelles paizes constituem n'elles uma como nacionalidade mixta pela immensidade de gente que, professando em publico o islamismo, lá mesmo pratica a occultas o rito da igreja seismatica grega: tendo cada uma d'essas pessoas dois nomes, um turco que é, por assim dizer, o legal, e outro hellenico de que somente usa no seio da sua familia.

Em 1830, foi A. d'Humboldt encarregado de duas commissões politicas. Teve a primeira por objecto comprimentar em nome do seu soberano o imperador Nicolau por occasião da sua vinda a Varsovia no mez de Maio para fazer a ultima abertura da Dieta ou sombra da representação nacional de Polonia. Indo eu, tambem n'essa occasião, e com o caracter de ministro do imperador D. Pedro I áquella antiga côrte, disse algum, vendo-nos chegar conjuntamente ás margens do Vistula, que o museu diplomatico acabava de fazer acquisição de um enviado do outro mundo e de um ministro dos tres reinos da natureza, dito que nenhum de nós tomou em tom serio para lhe não dar o sal que lhe faltava. Fazia sessenta annos justos que ali fóra recebido pelo ultimo rei electivo o celebre barão Thugut, plenipotenciario austriaco, e derradeiro diplomatico acreditado n'aquella, o qual, no dia da sua apresentação, fez um picante equivoco na mesma sala adornada dos retratos de Catharina II, Frederico II, e Estanislaw Poniatowski, onde com A. d'Humboldt concorri n'um jantar de côrte, e ia contar este dito, se me não lembrasse o de Luiz XVIII: que nos grandes jantares é mister pensar no que se come e no que se diz (*). Não tendo, porém, n'esta occa-

(*) Este ministro, entrando, para entregar a el-rei as suas credenciaes, na sala do docei, e vendo debaixo d'este duas personagens, ambas as quaes lhe eram des-

ção o mesmo tento outro convidado que disse que a todos pasmara a hospitalidade que A. d'Humboldt achara na selvatica America Meridional, não pude deixar de notar que *aquelle plural era mui singular*: recordando a justeza com que Arago observara que, nas grandes assembleas onde affluem as chamadas notabilidades sociaes, é raro que se não ouçam des-temperos que desdizem da tão apregoadá diffusão de luzes d'este seculo, em que muitos cultos da moda figuram como terriveis selvagens no meio da mais admiravel civilisação.

De Varsovia passou A. d'Humboldt, como eu, á capital da Russia, d'onde, por convite do imperador, o acompanhou a uma colonia militar nas cercanias de Novgorod, e d'ali regressou a Berlim onde, pouco depois, el-rei Frederico III o encarregou do restabelecimento das relações que os eventos publicos que tinham occorrido em fins de Julho de 1830 tinham interrompido entre a França e a Prussia, missão grata ao espirito conciliador do plenipotenciario e ao seu coração ligado por intima e antiga amizade com o novo rei dos francezes Luiz Philippe. Após estas commissões politicas, ultimas de que foi incumbido, voltou aquelle homem scientifico por inclinação e diplomatico por circuncancias ao seu velho retiro, onde n'outro tempo o horrivel drama da revolução franceza, bem como o estampido das armas de Napoleão o não tinham estorvado dos seus utilissimos trabalhos, e que no periodo de que se trata foi tambem, mórmente no fatalissimo anno de 1848, em que elle deixou a França, o porto seguro onde se refugiou das tempestades politicas e o consolo balsamico de tantas tristezas publicas; vivendo desde então alternadamente em Berlim e Potsdam como amigo intimo d'el-rei Frederico IV que, por falta de saude, largou as redeas do governo.

Foi n'esta honrosa acolheita e privança que A. d'Humboldt, nos ultimos annos da sua completamente laboriosa vida, compoz o — Cosmos, ensaio de uma descripção physica do mundo. N'esta admiravel obra, em quatro volumes publicados desde Abril de 1845 até 1858, que, dando a justa medida dos progressos da sciencia, e sendo uma viva e perfeita imagem da natureza e um fiel retrato da grande actividade de genio do escriptor, foi o seu canto de cisne, achase, em primeiro lugar, a mais perfeita e inteira pintura de ambos os orbes; vendo-se depois, como n'um espelho, o reflexo do mundo exterior na imaginação humana, e a historia do desinvolvimento progressivo da idea do universo: tratando-se, finalmente, ali da astronomia e da physica concernentes a elle: e, como se o espirito sublime, ardente e immenso de A. d'Humboldt não achasse na concepção e fazimento d'esta obra prima materia bastante para entreter-se na contemplação das produções raras e brincoas da natureza, publicou, em 1849, a terceira e ultima edição dos Quadros, de que já fallei, edição corrigida e accrescentada, e na qual a penna do autor, bem que sempre encantado das vistas do solo americano, se sente do aspecto das steppes, ou vastas planicies, umas esteireis e secas, outras hervas e regadas de rios da Asia septentrional; publicando por ultimo, em 1855, a Miscellanea (Melanges) de geologia e de physica geral, onde ao cláreo da sciencia moderna refundiu e remocou alguns dos seus escriptos antigos a que por esta correcção deu a vida e actualidade necessarias para que elles tivessem de presente todo o valor.

Tambem n'estes derradeiros annos da sua existencia, aquelle homem illustre, continuando a cor-

conhecidas, dirigiu-se á que lhe pareceu mais grave, a qual interrompendo-o e apontando para a que estava ao seu lado, disse: *ali está el-rei*. Sabendo depois Thugut que a pessoa com quem se enganara era o principe de Repnin, encarregado pela imperatriz Catharina de promover a abdicção de Poniatowski que elle elevara ao throno, e acontecendo que n'esse dia este infeliz monarcha fizesse uma partida de wisth em que entravam Repnin e o recém-recebido ministro d'Austria, e pegando este n'uma vasa feita pela primeira figura d'um naipe com a terceira, disse ao que lhe notou esta equivocação: *perdoe-me este erro em que hoje pela segunda vez cai de tomar um valet por um rei*: com o que se desforrou ridicularizando o instrumento d'uma guerra feita sem combates a um rei sem exercito que um triumpho sem perigo privava da coroa.

responder-se com os homens mais sábios de todas as nações, e a proteger a mocidade estudiosa não só da Prússia, mas de diferentes estados da Alemanha, aconselhava o seu soberano e todas as pessoas do governo em muitos objectos políticos e d'administração, mórmente nos que eram relativos á instrução publica, recebendo com affabilidade e lhaneza os viajantes estrangeiros que lhe eram apresentados, e que pasmavam de achar n'elle um mais cabal conhecimento das suas patrias do que elles próprios tinham: e quando o nosso joven monarcha, querendo antes d'entrar no exercicio dos seus direitos, juntar aos conhecimentos theoreticos que possuia a pratica da sciencia de governar que não se adquire sómente nos livros, mas tambem e mui principalmente na universidade do mundo, visitou, em 1834, entre outras côrtes principaes da Europa, a de Berlim, teve elle a satisfação de ver e conversar ali A. d'Humboldt que já conhecia de nome; annunciando nas vespéras da sua partida d'aquella cidade ao sabio veterano dos navegantes modernos que tanto desejou percorrer as terras descobertas por Gama e cantadas por Camões, a concessão, que, a pedido do mesmo soberano, lhe fizera el-rei regente, do primeiro grau da ordem de Christo a que primitivamente foram doadas aquellas possessões, e com a qual os nossos antigos reis galardoadam os seus descobridores.

Resta-me, para complemento d'esta noticia, pintar algumas feições características do espirito e do coração de A. d'Humboldt. Era elle tão simples nos seus habitos, como distincto e quasi que diria sem par na doçura das suas palavras, e nas maneiras agradaveis e insinuantes que tinha e ás quaes alquem, com muita propriedade, chamou *cartas de recommendação da natura*. Observador placido, sem prevenções, nem preoccupações, nem paixões, tinha elle, além d'este dote, o de uma maravilhosa sagacidade, que fazia que elle descobrisse e penetrasse perfeitamente o que havia de mais difficil e occulto tanto nas sciencias como nos negocios; contemplando os objectos por todas as faces, não sendo menos notavel pela presteza do que pela certeza dos seus juizos; fazendo o acaso, que ás vezes parece eleição, que aquelle alto e profundo entendimento, que teve tão grande parte no movimento intellectual do seu seculo, e que bem gostara de ser alheio ás volúveis oscillações politicas de um tempo cheio d'agitação e confusão, fez a sorte, digo, que elle, em dois momentos mui decisivos da nossa historia contemporanea, concorresse quasi tanto como o tambem fino, lido e habil conde de Nesselrode, hoje (ainda mal) apartado dos negocios publicos, para amparar a paz da Europa, á força de talento, de moderação, de razão, e de justiça. Finalmente, e para dizer tudo, A. d'Humboldt, philosopho em toda a extensão d'esta palavra, mas, ou por isso mesmo, inimigo declarado do philosophismo, assim e da mesma sorte que sendo um mui firme e decidido liberal moderado e conservador era tão opposto ao despotismo como ao ultra-liberalismo, tinha um humor jovial que, em algumas occasiões, lhe suggeria ditos mui chistosos e incisivos. Queixando-se um dia alquem a elle de não ter entendido em toda uma noite d'inverno uma só coisa das muitas que ouvira a um mui nomeado professor de philosophia; pois eu penso, disse Humboldt, que a melhor coisa que tem o racionalismo é ser *inintelligivel*: e observando-lhe, em 1848, certo sujeito mui conhecido pelas suas opiniões exaggerativas que á vista dos motins que então havia em toda a Alemanha era evidente a sua tendencia para o republicanismo e para a democracia; *esta questão*, respondeu o sabio e espirituoso prussiano, *é de profundidade, e não de superficie*.

Este justo avaliador das pessoas e das coisas, este typo de heroismo scientifico perseverante onde se via o movimento ascendente do entendimento humano que muita gente de vista baixa quer achar em certas utopias que tem mais visos de declinações, que de augmentos, este homem, emfim, immortalizado pela fama, acabou com serenidade de animo a sua vida em Berlim, a 6 de Maio d'este anno, quinze dias antes da morte de Lejeune-Bickler, eximio professor de philosophia da universidade de Goettingen, a quem elle tinha servido de protector e guia. Todo o seu espolio reduzia-se, como refere a gazeta intitulada *Cosmos*, a

uma bibliotheca escolhida, a uma modesta mobilia, e a perto de 200,000 réis que deixou ao seu fiel criado Seiffert que o servira quarenta annos. N'um velho armario acharam todas as muitas condecorações que lhe foram offerecidas pelos soberanos, e os diplomas de socio de quasi todas as academias do velho e do novo mundo. No dia 10 de Maio receberam os seus restos mortaes as ultimas honras militares e civis. Todas as pessoas conspicias de Berlim acompanharam o carro funebre que conduzia o ataúde ornado de flores vernaes e de virentes loiros; indo dos dois lados d'elle vinte estudantes com palmas nas mãos, e adiante tres criados levando as já mencionadas insignias do finado. O principe regente, com toda a familia real, esperava o feretro á entrada do templo onde foram apresentadas as cinzas d'aquelle homem cujo nome glorioso será transmitido pela fama a mais remota posteridade.

No ultimo numero da Revista Germanica, folha periodica que se publica em Paris, vem um excellento artigo intitulado: Alexandre d'Humboldt e sua influencia nas sciencias naturaes, traduzido dos *Annaes Prussianos*.

MARQUEZ DE RESENDE.

A' sentidissima e prematura morte de sua magestade a rainha a senhora D. Estephania.

SONETO.

Trôa o bronze fatal de espaço a espaço,
Em cada etonagão traz um gemido
Ao peito portuguez, que em dor unido,
Se acha, se comprime n'um só laço.

«A morte já lá tem no seu regaço,
Essa que não devera ter morrido;
Morreu com ella a paz do desvalido,
A mão do pobre, e do artista o braço.»

Diz o canhão em seu troar medonho!
E nós, cheios d'amor e de saudade,
Dizemos que na vida é tudo sonho!

Aqui tudo nos foge á sã verdade,
Porque esta só se encontra em ser risonho,
Na terra não, além, na eternidade!

Mais um anjo.

Duros sons que do bronze escutamós,
Vem dizer-nos desgraça fatal;
Vem dizer-nos — é morta a rainha:
Vem dizer-nos — chorae Portugal.

Qu'era a filha do Eterno enviada
Para auxilio ao pobre prestar;
Era a pomba p'lo ceo destinada
Para os males na terra abrandar.

Era a pomba que em vôo ligeiro
Se transpoz d'essas terras d'além;
Quiz ser filha da patria que é nossa,
Dos irmãos que são nossos, ser mãe.

Entre as galas sorria ditosa,
Quando via o seu povo sorrir;
Mas chorava entre as galas saudosa,
Quando via a pobreza carpir.

Era mais que rainha, era mãe,
Quando via seus filhos gener,
Caridade evangelica d'alma,
De rainha, de mãe, soube ser.

E quem sabe se a pomba enviada,
Que de prompto nós vimos fugir,
Se subiu á eterna morada,
Para graças por nós ir pedir?

Quem nos diz, que qual outra pombinha,
Que nos trouxe signaes de bonança;
Ella venha entre nuvens doiradas,
Ao seu povo dizer tendê esperança!

«Porque eu, mensageira subida
«A' celeste divina mansão;
«Fui pedir pela patria tão qu'rida,
«Pela patria que préso a mais não.»

Quem nos diz?... porque os anjos se podem
Transitar entre a terra e o ceo;
Estão no ceo entre nuvens de fogo,
Vem a terra coberta de seu veio.

Duros sons que do bronze escutamós,
Vem dizer-nos desgraça fatal;
Vem dizer-nos — é morta a rainha:
Vem dizer-nos — chorae Portugal!!

Lisboa, 30 de Julho de 1859.

ANTONIO MARIA GARCIA JUNIOR.

A' sentida morte de sua magestade a rainha a senhora D. Estephania.

Sic transit gloria mundi.

Nas torres lá tanger os sinos, saudosos;
Que dobre tão triste, que triste tanger...
A morte annunciam seus sons lastimosos
Fazendo só prantos sentidos verter.

No cimo dos muros d'antigos castellos
Pendida a bandeira não quer tremular,
A brisa em brinquedos fagueiros e bellos
A face das quinas não ousa beijar.

D'espaco em espaco s'escuta tristonho
Ribombo funereo da voz do canhão,
Ribombo que freme, qu'eccoa medonho
No seio dos filhos da lusa nação.

As tropas curvadas, no rosto o pallor,
As cronhas encostam as faces banhadas;
O pranto sentido de magoa e de dor
Já cae nas fileiras, nas alas formadas.

Nas aguas do Tejo as naus, as corvetas,
Não içam no topo real pavilhão,
Nos mastros as vergas só formam cruzetas,
Troando d'espaco bem triste o canhão.

As armas erguidas nos paços reaes
A face das galas festivas perderam,
Involtas em lucto só mostram signaes,
Que o timbre dos lusos no crepe esconderam.

Chorae, portuguezes, chorae, que a rainha
De Pedro o extremo, d'el-rei a consorte,
Tombou sobre a campa, qual meiga florinha,
Ceifada no viço por pávida morte!

Chorae, portuguezes, cobri-vos de dô
Que Dona Estephania não vive, morreu;
Só d'ella nos resta saudade e mais pô
N'um mudo sepulchro, no seu mausoleu!

Pombinha mimosa das terras d'além,
Transpondo o espaco buscou Portugal,
Com elle o esposo tão caro e a quem
Legou mão de virgem, sem par, sem rival.

A pomba que outr'ora voou a Maria
Poisoando no carro do seu sahimento,
Mui bem predissera que um anjo devia
Voar junto a Pedro, viver um momento...

Mysterios profundos... a pomba poisou,
Mas breve seu vôo aos astros erguen;
Tal foi Estephania que a Pedro voou,
Mas rapida e breve p'ra Deus seolveu.

Volveu, que no mundo não podem viver
Os anjos mimosos que o ceo p'ra si forma
De raras virtudes, condão e poder,
Que servem de typos, modelos e norma.

